



**LINGUAGEM E FALA NO REINO MITOLÓGICO
BRANCO**

***LANGUAGE AND SPEECH ON THE
MYTHOLOGICAL KINGDOM WHITE***

GALVÃO JR, João C.¹

RESUMO

A proposta deste trabalho revela-se no estudo da presença do *totalitarismo* através da *técnica e teologia* em nossa contemporaneidade por meio da *cibernética* e o envio das mensagens nesta questão. Desta forma, trabalhamos o conceito de *inconsciente coletivo* na perspectiva das massas numa leitura da Filosofia da história benjaminiana sempre na tentativa de “desconstrução” da força do simbólico e seu sentido supremo.

Palavras-chave: Mensagem; Técnica; Massas; Totalitarismo; Inconsciente Coletivo.

RESUMÉ

La proposition de ce travail se révèle dans l'étude de la présence du *totalitarisme* à travers la *technique* et la *théologie* dans notre monde contemporain par le biais de la *cybernétique* et l'envoi de messages dans cette question. Ainsi, nous travaillons le concept de *l'inconscient collectif* dans le point de vue des masses dans une lecture de la Philosophie de l'histoire benjaminienne; toujours dans l'essai de « *déconstruire* » le pouvoir symbolique et son sens suprême.

Mots-clés: Message; Technique; Masses; Totalitarisme; Inconscient Collectif.

¹ Mestra Associado ao Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro – CPRJ e Formação Freudiana - FF/RJ, Doutor em Ciência Política - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. E-mail: galvao2112@bol.com.br.



Somado a culpa cristã ao peso *da* cruz e sua sombra secular, *peste emocional do homem*, o sofrimento da *humanidade secularizada* intensifica-se com a crueldade da segunda natureza *em* excesso: o início da Primeira Guerra Mundial, revelando o excesso da *sociedade industrial*. Diante do espírito cristão de rebanho das massas secularizadas a tecnologia das sociedades industriais habilitou-as a eliminar o conflito social por efeito de assimilar a *multidão* transformando-as em *massas*, as últimas forças de dissensão superadas. Este espírito em sua própria estrutura moralista, manifestação desta peste, revela-se historicamente, por exemplo, no “fascismo internacional do século XX, na Inquisição Católica e outras formas epidêmicas da peste emocional”,² sempre na perspectiva das massas de rebanho guiadas pela fantasia do Soberano ou de uma instância exterior. “Sejam quais forem as divagações dos historiadores ou da medicina sobre a peste, creio que é possível concordar quanto à idéia de uma doença que seria uma espécie de entidade psíquica, e que não seria veiculada por um vírus; [...] a peste mais terrível é a que não divulga suas feições”,³ não falta nenhum pedaço, sem lesão visível, sem matéria perdida; o pestífero não apresenta apodrecimento de nenhum de seus membros.

Seria tolice censurar as massas por não ter o senso do sublime, quando se confunde o sublime com uma de suas manifestações formais – estética – “manifestações mortas”.⁴ Seria trabalho de mera erudição mostrar que há sempre uma posição política na doutrina dos filósofos liberais ou absolutistas. Desde os antigos a escravidão é sistematizada e justificada na criação dos senhores e dos escravos. Não só a filosofia implica sempre uma política, mas que a filosofia se explica e se justifica em razão da política (Santo Agostinho e

Carl Schmitt são bons exemplos). As guerras médicas, por exemplo, da Grécia contra os Persas (*massas inumanas*), contribuíram para despertar e consolidar a consciência nacional do povo helênico contra o estrangeiro considerado inimigo, por outro lado, a luta intestina, guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta, arruinou a Grécia e preparou sua absorção pelo Império Romano desaguando depois no Cristianismo e suas revelações totalitárias e liberais – todas *civilizações de massas humanas brancas*. Pode-se dizer que tudo o que é excessivo é branco; excesso institucionalizado *na* exceção. O Cristianismo corresponde, como diz Hegel, ao terceiro momento no processo da História, entendida como processo da liberdade: todos os homens eram livres em sua essência. “E todos são iguais porque todos são irmãos, filhos do *mesmo* Deus”.⁵

Sobre duas *massas artificiais*: a Igreja e o exército, Freud⁶ mostra como estas dependem de uma *instância exterior* para impedi-los de desagregar-se, evitando alterações em sua estrutura. Em uma sociedade massificada, (a)fundada na secularização das crenças e da técnica, a Igreja Católica bem como o exército apoiam-se na *ilusão de um líder* – Sagrado Soberano – Deus (na Igreja Católica, Cristo; num exército, o Comandante em Chefe, Hitler, Bush...). O exemplo histórico probatório desta *união* remete a ida do Papa aos Estados Unidos da América em 2008. Em sua análise política, Freud diz que “*tudo* depende dessa ilusão”; se ela for abandonada, então tanto a Igreja quanto o exército se dissolvem. Num projeto político secular de dominação a massa é amada pelo líder com um amor sem igual, amor incondicional que também parte das massas. O que *une* cada indivíduo homogeneizado (em sua identidade estrutural) *ao* líder *na* ilusão de um

² REICH, *Análise do Caráter*, p. 461.

³ ARTAUD, *O Teatro e seu Duplo*, p. 13.

⁴ Idem, p. 83.

⁵ CORBISIER, *Filosofia Política e Liberdade*, p. 59.

⁶ FREUD, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 105.



Soberano que comande *seus* espíritos é também o que *une* uns aos outros: o *Pai* ou da primeira pessoa da Santíssima Trindade que ama todos os soldados ou cristãos numa hierarquia da pureza do sangue. Na massa, “cada indivíduo renuncia sua individualidade em favor de um objeto externo”,⁷ cujo modelo revela-se no líder. O líder passa a representar a soma de todas as perfeições, tudo o que o líder diz ou faz está imune à crítica, os indivíduos massificados se empobrecem radicalmente, esvaziam-se de sua experiência transformando-se num indivíduo massificado. O *espectro* freudiano se inscreve, portanto, como a contradogmática na luta política com esta *máquina cibernética* – Leviatã-alma-máquina.

Isto somente para ficar com alguns exemplos da força do poder das instituições espalhadas (*máquinas universais*) sobre a superfície do Ocidente Cristão mantendo sob o estatuto da crença a massa cristã “secularizada” na burguesia da “modernidade”. Incluído aí os intelectuais liberais – pequenos fascistas. Da ciência dos pontífices o atrativo é *submeter-se* com sentido de hierarquicamente inferior ao “poder teológico-político” na *representatividade* (simbólico) do Sagrado Soberano, esquecendo aparentemente esta espécie de poder e transformando-o numa tirania burocrática no jogo inconsciente do poder sacrossanto numa superfície de tradição pontificalista. As mais extremas oposições, *Leviatã alma* e *Leviatã máquina*, são abarcadas em seu seio universal – *complexio oppositorum*. Daí reside o fundamento teológico da *decisão* política no comando estratégico das massas. Um ser invisível torna-se visível pela *representação*, ou seja, o invisível é pressuposto como ausente e, no entanto, ao mesmo tempo, presente; esta “realidade invisível”⁸ e ausente é o próprio Cristo

pessoalmente, o Deus que teria se tornado homem na realidade histórica – *Soberano*. A ordem que sustenta o *político* numa exceção utiliza-se da instrumentalidade técnica, por outro lado a permanência do *político* simbolicamente sustenta-se naquele que *suspende* esta ordem para instauração de uma “Nova Ordem” dentro de um *ethos* de convicção legitimada pela remissão a uma idéia, a uma realidade que, sendo invisível, é *representável*, ou seja, é passível de ser tornada visível mediante um *processo de representação*. Tudo depende desta *ilusão*, conseqüentemente o medo de uma *dessacralização* deste poder e *desconstrução* desta Soberania; técnica instrumentalizada pela *linguagem* referida a dimensão da *Voz – fonética – discurso*. Para Carl Schmitt, do mesmo modo que a Igreja Católica Romana, o Estado político moderno seria um *complexio oppositorum*. Nele entram em conflito diferentes interesses, perspectivas distintas, culturais e sensibilidades diversas. Mas este Estado “moderno” somente se constituiria como Estado se a multiplicidade dispersa das oposições fosse justaposta uma *força agregadora*, um *princípio de unidade*, expresso na *decisão originária* de criação e manutenção dessa mesma *unidade*. Fala e Linguagem no Reino mitológico branco. É ao humano que detém esta decisão que Carl Schmitt chama de Soberano. Este *sagrado humano* possui o *pathos* da autoridade em toda sua pureza – com isso, a *força da representação*. Daí a necessidade de *desconstrução do mito*.

Desta forma, neste processo de “secularização”, “escondendo” o *teológico na técnica*, a História da Filosofia política aos hegelianos, continua a ser a história das extensas submissões do homem e das razões que ele se dá para legitimá-las. Nesta caminhada secular a *razão universal* determina o *bem* e o *mal* na dominação das massas. O Papa com seu *poder de decisão* sobre a subjetividade da cristandade, assim como o Comandante em Chefe das Forças Armadas com seu *poder de decisão* sobre o

⁷ ROUANET, *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*, p. 82.

⁸ SCHMITT, *Catolicismo Romano e Forma Política*, p. 10.



Ocidente, ambos, *irmãos em Cristo* – *unidos* – unem cada indivíduo numa massa amorfa, de rebanho. No final da audiência geral de 28 de Janeiro de 2009, o Papa recordou que a missão do Pastor é "o apelo à *unidade*", e comentando as palavras evangélicas relativas à pesca milagrosa, disse: "embora os peixes fossem muitos, a rede não se rompeu. Oh, amado Senhor, ela a rede agora se rompeu, queríamos dizer cheios de dor. Mas não devemos ficar tristes! Alegremo-nos pela tua promessa que não desilude e fazemos tudo o possível para percorrer o caminho rumo à unidade que Tu prometeste... Não permitas, Senhor, que a tua rede se rompa e ajuda-nos a ser servos da unidade".⁹ Precisamente no cumprimento desta missão à *unidade da humanidade*, exorta esta *massa humana* a refletir sobre o "poder imprevisível do mal" – *massa inumana* – quando conquista o coração do homem, pois é fermento do Reino de Deus que faz crescer toda a massa – referindo-se a *unidade* (baseada na *superstição da religião*) do *Reino Cristão*¹⁰ (*Nomos da Terra: reunião da cristandade e seus territórios*) definindo-se como *política do espírito*.

Diante *das* massas, obviamente, em nossa contemporaneidade, este poder não se mantém única e exclusivamente pela *superstição da religião*. Não sentimos o cheiro da putrefação divina? A *tecnologia* faz isto, em parte, com a figura do mal "secularizado" no *inimigo*, utilizando-se do discurso moral da Teologia Política. Por um lado, satisfazendo as aparentes necessidades burguesas, por outro, eliminando as razões de dissensão, protesto, tornando a multidão spinozista em instrumentos passivos do sistema dominante; alimentando a identificação afetiva das massas com a ordem estabelecida ou poder soberano. O *domínio* é buscado na *dualidade teológica amigo-inimigo* e na *ideológica biológica guerra das raças*. Este "Reino", "Estado

Cristão" – Hobbes o conhecia muito bem, sobreviveu na forma de um *poder executivo*, um *exército* e uma *polícia* bem organizados, bem como de um aparato judicial e administrativo e de uma burocracia eficiente e profissionalmente treinada; cada vez mais este "Estado" passa a ser visto como uma *máquina-teológica* – *guardião* de um *poder fascista* – *Guardião da Fé*. Nesta *sociedade industrial* as *forças* se cancelam numa *unificação superior*, no interesse comum da defesa de uma *civilização burguesa cristã*, inserida num processo milenar da "mitologia branca".¹¹ Este interesse comum *de unificação* é reforçado pelo fantasma ou *espectro do inimigo*. Um *espírito supremo*, *logocêntrico*, *representado* pelo Ocidente soberano, se vale da intensificação da *dimensão imaginária cristianizada* na idéia de ameaças internas e externas para expandir formas de barbárie de dominação. A subjetividade *das* massas é conquistada no eterno combate contra *espectros impuros* que ameaçam a cultura e moral ocidental.

Em seus escritos, por exemplo, Marcuse¹² considera que a *ordem social dominante* encarna um *totalitarismo*, sendo o sucessor natural do *liberalismo*. Está pronto a caracterizar a Alemanha de Hitler e os Estados Unidos, sendo este último, levado a tendências cada vez mais fortes e nítidas que podem ser caracterizadas, principalmente nos discursos soberanos, como semelhantes ao nazismo. Obviamente, Marcuse não viveu para presenciar a *onda* Obama, que no dia 3 de dezembro de 2008 declarou *soberanamente*: "Como líder do mundo, vamos despertar a capacidade de destruir os nossos *inimigos*", revelando o *logos* (palavra ou razão) ocidental, esfera simbólica, parte da *mitologia branca* da *substância fônica* em toda sua pureza. No dia 20 de janeiro de 2009, aproximadamente dois milhões de pessoas

⁹ Disponível em: L'Osservatore Romano www.vatican.va
Consulta realizada em 30.01.2009.

¹⁰ SCHMITT, *El Nomos de la Tierra*, p. 39.

¹¹ DERRIDA, *Margens da Filosofia*, p. 265.

¹² MARCUSE, *Cultura e Sociedade*, p. 47.



acompanharam a cerimônia em Washington da posse do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. *Todos* os atos de simbolismo faziam *reverência*, a *submissão* à moral da cristandade ocidental. Com uma das mãos sobre a Bíblia prometeu proteger e defender – *guardião* – a Constituição dos Estados Unidos em juramento solene contra os *inimigos estrangeiros*. “Saibam que a América é *amiga* de todas as nações e não há nada melhor que o *espírito* para dar significado a isto tudo”, *logo(s)*, pode ser inimiga, reafirmando a doutrina schmittiana e a mitologia branca do espírito hegeliano na construção do Ocidente. Nesta construção, em seu *monolinguismo*, falou do “espírito forte *contra* o terrorismo”, ou seja, do combate do Ocidente enquanto *espírito supremo* contra o Oriente – imperfeito enquanto espírito. O líder Cristão, Reverendo Joseph E. Lowery declara na posse: “Sabemos que o mundo *inteiro* está em *suas mãos* [...] Podemos trabalhar juntos para chegarmos numa *união perfeita com esperança* [...] Eu sei que o Senhor não nos abandonará com sua *mão poderosa*”. Na “modernidade” este é o *estatuto do nome próprio* “multicultural”. Da sua própria *Voz* fala o Ocidente. Pela dimensão da *Voz*, todo *discurso* de Obama foi religioso, cravado no teológico político e na tradição: “Nosso *espírito* é mais forte do que aqueles que *nos* ameaçam. Vamos enfrentar a *tempestade* que possa vir, que Deus abençoe os Estados Unidos da América”. O totalitarismo atual é expresso não em termos de ditaduras políticas, mas pela *eliminação* de uma cultura que encarne o *espectro* “asiático” nas figuras simbólicas de Átila e Gengis Khan – bárbaros *secularizados* no *inimigo*, na afetação da moral cristã ocidental. Ao comparar a Alemanha nazista a sociedades como as da América do Norte e do Reino Unido, Marcuse contribui no esclarecimento desta *sociedade industrial – neofascista e seus efeitos permanentes em nossa contemporaneidade*. Para Marcuse, as instituições liberais são instituições

totalitárias incipientes, “de maneira alguma a *ditadura* e a condução autoritária do Estado constituem um ideário alheio ao *liberalismo*; e *guerras* nacionais foram frequentes na época do liberalismo pacifista-humanitário”.¹³ O programa do liberalismo seria *propriedade*; isto é: propriedade particular *dos* meios de produção. Todas as demais reivindicações do liberalismo resultam desta exigência básica. O liberalismo vê na iniciativa privada do empresário a garantia mais segura do progresso econômico e social; por isso para o liberalismo o *capitalismo* é a única ordem possível das relações sociais. O *liberalismo* considera que o *fascismo* e todas as orientações ditatoriais semelhantes *salvaram* na atualidade a formação civilizatória européia – *espírito do Ocidente*. O mérito por esta via adquirido pelo *fascismo* sobreviverá eternamente na história da *cristandade européia e sua purificação social*. A organização econômica privada da sociedade com base no reconhecimento da propriedade particular e da iniciativa privada do *empresário* havia sido referida como seu fundamento. O *fascismo* apóia por princípio o *empresário privado* como dirigente da produção e como instrumento para ampliação da riqueza. E precisamente esta organização permanece básica também para o Estado total-autoritário, esclarece Marcuse, *mantendo inalterado* o princípio da configuração das relações de produção, o *racionalismo liberal* que desemboca no *irracionalismo da produção destrutiva: a guerra*. O Estado forte e a ditadura não são estranhos ao liberalismo: ao contrário, são uma extensão dos mesmos interesses por outras vias – a *exceção como razão de Estado*. A lógica interna da sociedade capitalista conduziria à *ordem* totalitária do Estado, mesmo atualmente disfarçada de “democracia” burguesa no combate ao *inimigo* para sustentação da exceção *não* declarada.

¹³ MARCUSE, *Cultura e Sociedade*, p. 52.



Esta guerra européia de 1914 a 1918 confirmou em Walter Benjamin a seguinte impressão: “os soldados que tinham visto tantos horrores no *front* voltaram calados para casa”.¹⁴ Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem.¹⁵ No que existe deste desenvolvimento, *a essência da técnica é tudo menos tecnológica*, a reflexão essencial a fazer sobre a tecnologia e a sua confrontação decisiva, deverá acontecer num *Reino* que por um lado seja afim à tecnologia e por outro, fundamentalmente diferente dela. Sua essência é ambígua nas formas em que comunica com a ambiguidade diagnosticada *pela* modernidade. Tal ambiguidade, em vários sentidos, aponta para o mistério de toda e qualquer revelação: da verdade de se encontrar e determinar um *inimigo*. Não é porque a ciência e a tecnologia não estejam suficientemente avançadas, ao contrário, por meio da experimentação, o *objeto*, torna-se inencontrável, transformando-se num *superobjeto*. O aparato tecnológico proporciona tudo o que pode, foi *além* de suas próprias definições da racionalidade.¹⁶ Uma *racionalidade fundamental*, permanente, secularizada, ligada em sua essência ao *bem e mal* – é preciso *defender*

a sociedade.

E é somente acima desse emaranhado que se esboça uma racionalidade crescente, a dos cálculos e das estratégias – racionalidade que, na medida em que se sobe e que ela se desenvolve, torna-se cada vez mais frágil, cada vez mais malvada, cada vez mais ligada à *ilusão*, à quimera [fantasia], à mistificação.¹⁷

Este é o segredo deste *superobjeto*. Sob a *Guarda* incondicional no discurso do *inimigo*, a ameaça torna-se *excesso* de proteção, defesa, salvação incondicional desempenhada *pela* tecnologia. A “ralé”¹⁸ burocrática cristã domina os Departamentos das Universidades – *exterminando* os criativos. Neste ponto, a Teologia política – estrategicamente – é uma *técnica* de excessivo domínio da natureza. A *fé na técnica* revela a putrefação divina na reificação aparentemente desdivinizada. A ciência, guiada por uma *razão universal* baseia sua autoridade na *tradicional* crença metafísica do *bem e mal secularizados no amigo-inimigo; crença metafísica* na verdade de um inimigo satânico – para os estrategistas, questão de *fé*, daí o fundamento moral de uma política *teologizada*, agostiniana, schmittiana, hobbesiana, um “Estado Cristão” que *na* sociedade industrial invoca o conhecimento, *estratégias* científicas, militarismo, pretendendo explorar o labirinto ou a selva do conhecimento. Mas o conhecimento é só disfarce *da* moralidade; o fio no labirinto é o fio moral. A moral, por sua vez, é um labirinto: disfarce *do* ideal religioso. Do Estado absolutista ao Estado liberal *desaguando* no totalitarismo disfarçado com a neutra capa “negra” das democracias burguesas o objetivo é sempre o mesmo: perseguir leões e cordeiros, isto é, negar a Vida Viva. Do simbólico Soberano Sofredor e sua *representação* ao Estado totalitário e ao

¹⁴ KONDER, Walter Benjamin: o Marxismo da Melancolia, p. 82.

¹⁵ BENJAMIN, Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura, p. 115.

¹⁶ BAUDRILLARD, A Ilusão Vital, p. 86.

¹⁷ FOUCAULT, Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982), p. 75.

¹⁸ ARENDT, Origens do Totalitarismo, p. 376.



Estado democrático opressor existe uma continuidade secularizada – uma idéia de *soberania* diretamente vinculada à imagem religiosa do Deus soberano.

Sobre a continuidade catastrófica desta esfera, não há melhor testemunho do que o de Günter Grass: “Minha infância foi concluída em espaço restrito, quando a guerra irrompeu em diferentes pontos no lugar em que eu cresci [...] O que aconteceu antes e depois do fim da minha infância bate à porta com fatos...”.¹⁹ O que está na base desse surpreendente testemunho, como prova empírica dos fatos, era a concepção de uma aceleração dos recursos técnicos e das fontes de energia, *justificando-se* na guerra, a qual com suas destruições prova que “a realidade social não estava madura para fazer da técnica seu órgão, e que a técnica não estava suficientemente forte para dominar as forças elementares da sociedade”.²⁰ Momento em que o modo de produção burguês reduz seu projeto civilizacional a uma situação de extrema pobreza, “somos vítimas de uma *barbárie negativa* que está inscrita na continuidade da cultura burguesa”,²¹ isto que Benjamin chamou de *nova barbárie*: uma pobreza de experiência de toda a humanidade. “A sociedade burguesa não pode deixar de separar, na medida do possível, a *dimensão técnica* da assim chamada *dimensão espiritual*, como não pode deixar de excluir decididamente a idéia técnica do direito de participação na ordem social.”²²

Esta “civilização” é uma civilização *encantada*, continua fundamentalmente vinculada à *secularização* de certa visão religiosa de mundo. O que podemos chamar o fim da “ciência” na realização da metafísica intensifica a tecnologia e pode ser aqui interpretado como a emergência de uma cultura – *barbárie* – que presume a

natureza *das* entidades como o objetivo primário da investigação (dualista) política filosófica. Esta questão impulsiona um dado reconhecimento da prioridade do problema *sobre o lugar* no qual ocorre aquela especificação e sua essência altera-se como resposta à dimensão espiritual *das* relações técnicas. Este é um dos momentos onde se observa a *mitologia branca* do ser supremo manifestando-se como *espírito*, até que este reconcilie consigo mesmo como absoluto. O *espírito* é carregado de *sentido* e revela-se na *história* de *construção* da *imagem* do Ocidente. O movimento da história vai do Oriente para o Ocidente, revelando o sentido de um processo histórico e sua perfeição. Dimensiona-se daí o restante civilizacional na impureza de *espectros*. Uma outra medida é estabelecida para providenciar aos *seres humanos* com um *sentido de lugar* em oposição do diferente. Nas nossas “guerras de religião” harmoniza-se à hipersofisticação da tecnologia militar, da cultura digital e *ciberespaçada*. Lacan revela esta posição em sua psicanálise. Toda santa semana, *unidirecionalmente* o Patriarca do Ocidente envia sua *mensagem* para *massa humana* através do *L'Osservatore Romano*; esta *mensagem* é um programa que se põe numa *máquina universal*, mensagem mandada de alguém para outrem, nesse sentido, a “palavra-chave da *cibernética* é a palavra *mensagem*”.²³ Tradição fonocêntrica, a *linguagem* referida a dimensão da Voz/ fonética/ discurso; a *linguagem* sendo um Universo Cristão, a *fala* tendo a função de fundação e até mesmo de revelação. Onde está a *fala*? No simbólico daquele que funda. Onde está a *linguagem*? No Reino fundante. Esta é a perspectiva da *massa humana*. Esta posição psicanalítica-política está submetida ao *poder sacerdotal* que a cada instante modela a subjetividade das massas transmitindo esta *mensagem* de máquina à máquina – do *Leviatã-alma*

¹⁹ GRASS, *Nas Peles da Cebola*, p. 9.

²⁰ BENJAMIN, *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, p. 130.

²¹ KONDER, *Walter Benjamin: o Marxismo da Melancolia*, p. 80.

²² BENJAMIN, *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, p. 130.

²³ LACAN, *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, p. 348.



(Igreja) para o *Leviatã-máquina* (Sociedade Industrial), muito embora seja “independentemente de qualquer subjetividade”.²⁴ Duas enormes máquinas conectadas: “*The world and the Christian tradition*”,²⁵ amando o mundo sem confiar nele, com a bandeira do Cristianismo (*The Flag of the World*) pregada sobre o mundo impondo seu *Nomos* e encontrando uma passagem na Teologia Cristã (*Christian Theology*):

E depois uma estranha coisa começou a acontecer. Desde que estas duas partes das duas máquinas ficaram ajustadas, todas as outras partes se ajustaram também e adaptaram-se com um absoluto rigor fantástico. Eu podia ouvir, peça por peça, todo o *maquinismo* (*Machinery*) tomar o seu lugar com uma série de estalos repetidos de alívio. Ajustada a primeira peça, todas as outras *repetiram* [o mesmo] esse ajustamento, como relógios que, um após outro, batem ao meio dia. Instinto após instinto era respondido por doutrina após doutrina. Para variar a metáfora, direi que eu estava como aquele que avança por um *país inimigo* (*Hostile country*) para tomar uma alta fortaleza. E quando o forte caiu, todo o país se rendeu e ficou sólido atrás de mim. E toda a terra ficou iluminada...” (CHESTERTON. G.K. *Orthodoxy*, p. 84)

Neste caminho a *ordem* permanece em seu rigor; a *linguagem* é de pessoa humana à pessoa humana e a *fala* de alguém para outrem; porque a *fala* é *constituente* (Cristo, Hitler, Bush...) e a *linguagem* é *constituída* (Império Romano, Reino Cristão, Terceiro Reich ou Europa Fascista, Estados Unidos da América do Norte...) na manutenção *destas* estruturas; é num *mundo de linguagem*, num *mundo humano*, que cada homem tem de reconhecer um chamado, uma vocação, que se averigua ser-lhe revelada. Neste Universo Cristão revela-se a *fundação da linguagem* e conseqüentemente *dos amigos em Cristo* – Sagrado Soberano. A coisa ou

corpos que não fazem parte *deste* Universo serão considerados *inumanos* ou *inimigos* – *condição inumana*. Quem ou o que não faz parte deste *Reino da linguagem* pode ser *exterminado*. Daí nasce, num segundo momento, *no* imaginário das massas o *inimigo* sendo *inumano* e de uma suposta *guerra* dos mundos. Como diz Lacan: “Trata-se de revelação e fundação”.²⁶ Lacan busca na *sua* psicanálise o que Schmitt busca na *sua* política: a “*pureza*” dos conceitos teológicos, “algo que podemos atingir em sua pureza”.²⁷ Esta preciosa revelação fica bem clara em Jacques-Alain Miller: “*Lacan est le Carl Schmitt de la psychanalyse*”.²⁸ O *outro* do *outro* é o *inimigo* – paradoxalmente ou dialeticamente; teologicamente o *mal*, tecnologicamente o *inimigo*. Carl Schmitt viu alguma coisa que é contestada, mas que é a *sua* verdade; Lacan, neste mesmo caminho, numa *teologia da psicanálise*. Se alguém teve o cuidado de perceber que a teologia é o *passe* para a psicanálise e a transpôs para psicanálise foi Jacques Lacan. E é preciso immanentemente neste caso saber diferenciar *passagens* (Carl Schmitt, Lacan...) de *passagens* (Walter Benjamin), a primeira carregada da moral transcendental – cristã, ressentida, a segunda, na Vida Viva da imanência da ética judaica. Na primeira, a religião foi transportada para dentro da política e da psicanálise – *sacralizando-as*; tendo a “*secularização*” a função de transferir ao *Soberano* os privilégios que foram de *Deus o Pai*. Pela *superstição*, sem saber, as massas fielmente acreditam que estão sempre no Reino do Pai ou do Sagrado Soberano. Nestas *guerras santas*, a exemplo das *Cruzadas* (defesa de um *sentido de lugar*: Jerusalém) o *político* e o *inimigo político* é identificado nas purezas destes

²⁴ Idem, p. 379.

²⁵ CHESTERTON, *Orthodoxy*, p. 84.

²⁶ LACAN, *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, p. 352.

²⁷ Idem, p. 357.

²⁸ MILLER, *Sur Carl Schmitt*. Disponível em www.jorgeforbes.com.br Consulta realizada em 10.01.2009.



conceitos científicos, produto de uma *secularização* ou de uma *herança teológico-política*. Para não falar de outras dificuldades e objeções à teoria schmittiana do político e, portanto, também do religioso.²⁹ A mencionada totalidade do mundo da *tecnologia* é interpretada *teologicamente* na esfera do político como na produção metafísica do inimigo. A *tecnologia* concebida no seu sentido mais puro e lato e nas suas mais variadas manifestações, serve a estratégia ocidental de humanidade, *decidindo* se querem tornar-se escravos ou manterem-se senhores. Através desta concepção da totalidade do mundo tecnológico reduzimos tudo à escala do poder teológico-político, conduzindo à construção de uma moral saída do mundo tecnológico. A *fé na tecnologia* e a distinção hierárquica agostiniana dos estrategistas, cravado na *secularização da subjetividade*, resulta do fato que o conhecimento é utilizado no interesse do poder autocrático com poderes ilimitados e absolutos, o que já revela um *delírio* do poder. Esta *Razão Universal* que determina o *bem* e *mal* num *discurso universal* vai prosseguindo desde a “origem dos tempos”, *secularizando-se*, “é aquilo que foi verdadeiramente dito, ou melhor, realmente dito. É em relação a isso que o sujeito, como tal, se situa, ele está inscrito aí, é por isso que ele já está determinado, com uma determinação que é de um registro totalmente diferente do das determinações do real, dos metabolismos materiais que o fizeram surgir nesta aparência de existência que é a vida. Sua função, na medida em que ele continua esse discurso, é a de se orientar, quanto ao seu próprio lugar, não apenas como orador, mas, desde já, como inteiramente determinado por ele”.³⁰ Obviamente nesta leitura este sujeito determinado por esta razão universal teológica-política encontra

no discurso universal o transcendente do *inimigo* no combate ao pensamento da imanência. *Cibernética* para Lacan tem um nome: *teologia* disfarçada com a capa da *técnica* num mundo de *máquinas universais* para o domínio das massas. O que não é estranho neste discurso considerar a *cibernética* e a *psicanálise* como “duas técnicas”³¹ situando-se num único eixo que seria a *linguagem*. Quando esta espécie de *técnica (cibernética)* surge de trabalhos de engenheiros referentes à economia da informação através de condutores, *máquinas universais*, na economia psíquica das massas, à maneira pela qual uma *mensagem* é transmitida, Lacan fielmente crê que seu nascimento deva ser procurado *mais longe*. E na busca das leis das presenças e ausências vai tender a esta instauração da *ordem dualista* (bem-mal, perfeito-imperfeito, puro-impuro...) que vai dar no que se chama de “*cibernética*”, modelos cibernéticos no comando estratégico das massas guiadas por discursos unidirecionais neste “Reino Cristão”, *demasiado humano* – Humano Humano – *condição estrutural para construção do inimigo*. A própria guerra considerada em seus mecanismos técnicos “desvinculada do que quer que seja de real”³² e vinculada ao imaginário político *nesta* construção. Esta *política dualista* agostiniana (*bem-mal*), schmittiana (*amigo-inimigo*) que Lacan faz referência implicitamente num *símbolo binário* seria a mais preciosa das coisas para que a “*cibernética*” apareça-se no mundo. A *mensagem* neste reino *sustenta-se* no inimigo; soldados universais num reino mitológico branco sob o comando de Deus – “Soberano teológico”. *Glory, glory Hallelujah! His truth is marching on*. A primazia é pela *ordem* e *verdade*, “pela organização da Cidade, a qual não é senão *ordem* e *hierarquia*”³³ (grifo nosso) *secularizando-se* no discurso agostiniano;

²⁹ DERRIDA, *A Religião*, São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 40.

³⁰ LACAN, *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, p. 353.

³¹ Idem, p. 368.

³² Idem, p. 374.

³³ Idem, p. 383.



escravos do Poder. A potência simbolizada pelo asiático estrangeiro (ex. Átila, Gêngis Khan) que está *fora* da Cidade ou Igreja não interessa ou interessa muito – *inimigo*.

Por outro lado, lado do lado do mesmo lado, o “Soberano tecnológico”, com sua fé inabalável no discurso moral da marcha do progresso, é também o “líder social”; sua liderança eclipsa e condiciona sua função como cientista, pois lhe dá poder institucional dentro do grupo. As pessoas envolvidas em ocupações práticas parecem estar convencidas de que qualquer situação que ocorra no desempenho de seu papel pode se encaixar em algum padrão geral com o qual as melhores, se não todas elas, estão familiarizadas. A concepção instrumentalista da racionalidade tecnológica está infiltrada em todo *reino do pensamento cristão* e dá às várias atividades um denominador comum, tornando-se uma espécie de técnica em vez de uma personalidade humana completa.³⁴

Nesta concepção, esta *nova barbárie* da Primeira Guerra Mundial representou uma acusação ao *progresso*, onde interesses financeiros, como o da grande indústria em fornecer meios bélicos cada vez mais poderosos. Uma das cartas do *fascismo*, como diz Benjamin,³⁵ é a incompreensão que seus adversários manifestam em relação a ele, inspirados pela *ideologia do progresso*. Por isso, “deve-se fundar o conceito de progresso na idéia da catástrofe. Que tudo ‘continue assim’, isto é a catástrofe. Ela não é o sempre iminente, mas sim o sempre dado. O pensamento de Strindberg: o inferno não é nada a nos acontecer, mas sim esta vida aqui”.³⁶ Neste momento, diante de um *complexo industrial militar*, as *forças produtivas* transformam-se em *forças destrutivas*, voltando-se contra ela mesma. O excesso da razão instrumentalizada pelo *complexo industrial*

militar desagua no alvo de duas cidades abertas: Hiroshima e Nagasaki, inaugurando as armas mais poderosas e destruidoras inventadas pelo *ser humano*, as bombas atômicas. Mulheres, velhos, crianças, todos foram indistintamente sacrificados no braseiro, no inferno de fogo e de horror em que se transformaram as duas cidades martirizadas.³⁷ “O curso da história como se apresenta sob o conceito da catástrofe não pode dar ao pensador mais ocupação que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, para a qual, a cada giro, toda a ordenação sucumbe ante uma nova ordem. Essa imagem tem uma bem fundada razão de ser. Os conceitos dos dominantes foram sempre o espelho graças ao qual se realizava a imagem de uma ‘ordem’. – O caleidoscópio deve ser destruído”.³⁸

Nesta “ordem e hierarquia”, “Nova Ordem” *secularizada* (eis que não existe nada de “novo”) a “paz” do Ocidente Cristão tem sido mantida pela *guerra* com a destruição do Exterior “bárbaro” – *inimigo secularizado*. Conceitos como *amigo-inimigo* são muito bem direcionados *estrategicamente*; o “caleidoscópio” não está nas mãos de uma “simples criança” e a *nova ordem do mundo*³⁹ é comungada com uma espécie de *Estado de exceção* mundial. A nova ordem do mundo em Estado de exceção remete atualmente aos estudos agambenianos sobre essa questão, *A Ordem Mundial em Estado de Exceção*: “Essa passagem de exceção para uma técnica normal de governar, está transformando radicalmente, e debaixo dos nossos olhos, o sentido e o caráter do Estado democrático. É só observar a política atual dos Estados Unidos”.⁴⁰ A política atual dos Estados Unidos é uma prova concreta da *transfiguração* do político e da permanência da exceção como “regra”

³⁴ MARCUSE, *Guerra, Tecnologia y Fascismo*, p. 74.

³⁵ BENJAMIN, *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*, p. 226.

³⁶ BENJAMIN, *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*, p. 174.

³⁷ CORBISIER, *Raízes da Violência*, p. 153.

³⁸ BENJAMIN, *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*, p. 154.

³⁹ Ver o Livro *El Nomos de la Tierra* de Carl Schmitt.

⁴⁰ AGAMBEN, *A Ordem Mundial em Estado de Exceção*. Disponível em: www.nplyriana.adv.br Consulta realizada em 17.06.2007.



(Benjamin) do “soberano” que *decide* sobre o Estado de exceção (Schmitt) nos atuais Estados democráticos ou democracias parlamentares. Este *espírito totalitário*, novo *Nomos* da Terra ou *nova ordem do mundo*, como toda ordem, baseia-se numa *decisão* e não em uma norma. Nesse sentido é que uma das primeiras obras de Carl Schmitt “Catolicismo Romano e Forma Política” de 1923 e seus últimos escritos “O *Nomos* da Terra” de 1950 tocam-se de forma íntima, pois esta *decisão é sagrada*. “A *decisão* liberta-se de qualquer ligação normativa e torna-se, num certo sentido, absoluta”.⁴¹ Este caráter totalitário *da decisão* carrega características teológicas de fundamento agostiniano no combate ao *inimigo impuro*. Para Agamben, o presidente Bush que após o 11 de setembro declarou constantemente que era o “Comandante em Chefe das Forças Armadas”, de repente apareceu como autoridade máxima do estado de exceção. No entanto, é preciso prestar atenção e deixar de lado o “olhar eurocentrista”, pois que a *natureza desta decisão é sagrada*, ou seja, encontra-se na esfera do poder teológico-político. Existiria, então, um aparente declínio da Europa, pois o Vaticano como Estado sagrado, aliado ao U.S.A e a Europa, dimensionado *pela* dimensão fantasiástica como um todo estariam preparando o novo combate contra o poder econômico mundial: os judeus, considerados o *mal secularizado na figura do inimigo*. Manifestação secular da continuidade histórica do *espírito absoluto* na imagem do Ocidente, onde se revela a passagem da política liberal à política totalitária sob a capa das democracias parlamentares. Atualmente, a prova é feita através de uma história das subjetividades, *discursos* do Comandante em Chefe das Forças Armadas norte americana, quando no dia 28 de janeiro de 2008, perante o Congresso norte-americano, aplaudido por

todos de pé, numa total *esquizofrenia coletiva*, “pediu” que imediatamente fosse aprovado o pacote fiscal – político – lançado pelo governo para estimular a economia e conter a crise que aproxima o país de uma possível recessão e que tem derrubado as bolsas de valores mundo afora. Em seu discurso, “os norte-americanos podem confiar num crescimento econômico a longo prazo, mas que este crescimento está diminuindo a curto prazo”. Para evitar a possível recessão, o Soberano global, diante do Congresso, conduz um plano *político* de estímulo entre a Casa Branca e os líderes democratas da Câmara Baixa no valor de US\$ 150 bilhões. Por outro lado, neste mesmo discurso perante o Congresso norte-americano, intensifica o combate contra o *mal secularizado* na figura do novo *inimigo*: “Irã – terroristas”. Revelando o *totalitarismo em nome do Pai* – do *estatuto do nome próprio* – toda *força teológica do discurso na natureza sagrada da decisão e sua infalibilidade como líder supremo*, garantindo o “crescimento econômico”, estimulando o mesmo, através de um *inconsciente coletivo na dimensão imaginária do mal-inimigo*, legitimando a *guerra* e possibilitando uma *circularidade na repetição do mesmo* da manutenção do *capital*. Nas *sociedades industriais a conduta teológica política é a mesma*. Hitler também preparou o caminho com declarações que atingiam a esfera subjetiva das massas *secularizadas* para a sua elevação a Comandante Supremo dos Exércitos Alemães *subordinando* a economia à política, realizando o “milagre dos tempos modernos”,⁴² sempre tendo como fundamento o *discurso do inimigo – política da inimizade*.

Por isso, para Marcuse, como visto de maneira alguma a *ditadura* constitui um ideário alheio ao *liberalismo*: as *guerras* foram sempre frequentes na época do

⁴¹ SCHMITT, A Crise da Democracia Parlamentar, p. 13.

⁴² HITLER, Minha Nova Ordem, p. 110.



“liberalismo pacifista-humanitário”.⁴³ Estes termos “*totalitarismo*” e “*Estado totalitário*” foram utilizados primeiramente no campo político e jurídico. Eles pertencem a um contexto bem particular, aquele da Alemanha hitlerista. Efetivamente, foi Carl Schmitt que se fez o principal teórico do Estado totalitário e quem introduziu o termo “totalitarismo” na análise política e jurídica. Mais tarde, o *totalitarismo* designará não somente a organização particular do estado regido pelo “Führer”, mas uma tendência geral de certos regimes caracterizados por uma concentração de poderes nas mãos de um mesmo sistema, partido mais ou menos confundido com um homem ou mais exatamente um sistema de organização. Dessa forma, será possível falar não somente do “totalitarismo nazista”, mas também do “totalitarismo stalinista”, e reconhecer traços fundamentais nos diferentes tipos de *sociedades industriais avançadas*. Assim sendo, o fenômeno do *totalitarismo* deixa de pertencer a um sistema político e econômico determinado, para se tornar um fenômeno mundial fazendo parte da mesma essência da *sociedade industrial* como desenvolvimento e realização da técnica. Este reconhecimento do totalitarismo não significa na medida em que a barbárie seja institucionalizada: pode perfeitamente se acompanhar de uma situação democrática ou pretendida como tal. A *eficácia* e a *razão* são dois valores gravados sobre a frente da *sociedade totalitária* ou *totalitarismos suaves*. As *águias* da Alemanha nazista e dos Estados Unidos estão cravadas na *Razão Ocidental – História Oficial* movida pelo *Espírito Supremo*. O Ocidente fala uma língua, a *Voz* da razão explica a história. Neste processo de *secularização* de conceitos teológicos políticos, transformando-os na pureza do político, o *totalitarismo* pode antes de tudo, ser um fenômeno da ordem

metafísica que política. Basta lembrar, no imaginário, o Reino do Deus Cristão: totalitário por natureza. Na *representatividade* do poder soberano pelo *simbólico do soberano*, Hitler, assim como Bush, em seus discursos fundamentados na moral cristã assumem no imaginário das massas o papel do “Deus imortal”, no entanto, é um Deus criado *pela razão humana*; o *Leviatã* assume uma aparência *demasiada* humana, uma *máquina* (sociedade industrial) possuidora de *alma* (sentimentos e emoções). A domesticação das massas *pela língua* se exerce através de uma *mecânica-alma* do “humanismo”. *Leviatã-máquina-alma – Máquina Universal*; as luzes desta *razão*, além de cumprir sua fundamental função, progresso técnico, também ofuscam ou mesmo diretamente cegam. A razão torna-se irracional.

O *progresso técnico* poderia abrir hoje um campo insuspeitável. Efetivamente, ele conduziu à uma *dominação* e à uma repressão assustadoras. O aparelho estatizado fez pesar suas exigências econômicas, sua política de expansão sobre o tempo de trabalho e sobre o tempo livre. Como escreveu Marcuse, o *totalitarismo* não é somente uma *uniformização política terrorista*, é também uma *uniformização econômica-tecnicista* que funciona manifestando suas necessidades em nome de um interesse geral. O *totalitarismo* não é somente o fato de uma forma específica de governo ou de partido, ele é decorrente de um sistema específico de produção e distribuição perfeitamente compatível com um pluralismo de partidos, de jornais, com a separação dos poderes etc... *Nem* sistema político, *nem* sistema econômico, o *totalitarismo* é o processo fundamental dos tempos modernos *secularizados*. Os *governos das sociedades industriais avançadas* e aquelas do futuro se mantêm e se defendem à condição de mobilizar, de explorar e organizar a *produção técnica, científica*. Uma tal organização tende

⁴³ MARCUSE, *Cultura e Sociedade*, p. 52.



necessariamente a direções com certos aspectos do totalitarismo. A *sociedade industrial* chegou a um estado onde não se poderá mais definir a sociedade verdadeira e livre nos termos tradicionais da liberdade econômica, política e intelectual; não que essas liberdades hajam perdido sua significação, mas elas tem, ao contrário, muitas significações para serem fechadas no âmbito tradicional. Num tal universo, toda exigência de *profanação* da liberdade é imediatamente descartada como perigosa e irrelevante. A repressão e o poder soberano são em contrapartida plenamente justificáveis. Todas as contradições desaparecem num estilo de vida e numa ideologia comuns. Suas características explosivas são desenraizadas e tornadas inoperantes. O véu dos discursos e das idéias que cobrem o *universo unidimensional* venceu tudo numa mesma indistinção. Se o operário e seu patrão olham o mesmo programa de televisão, se a secretaria se veste como a filha do seu empregador, se o negro possui um cadilac, se eles lêem todos no mesmo jornal, esta assimilação não indica o desaparecimento das classes. Ela indica, ao contrário, a que ponto as classes dominadas participam aos *desejos* e satisfações que garantem a manutenção das classes dominantes. Trata-se portanto de compreender quais são os controles técnicos, dispositivos de poder, que permitem uma tal organização repressiva e uma uniformização crescente.

Neste aspecto, o *capitalismo* é a única (des)ordem possível das relações (anti)sociais, possuindo na esfera do *poder teológico-político* sempre a figura do *inimigo* na sacralização da política através do “mal”, reafirmando o *Estado de exceção*. O Capital *como* Estado de exceção (ou vice-versa) se mantém na figura *secularizada* do *inimigo*. Essa nova “visão de mundo”, totalitarismo disfarçado com as capas neutras das democracias parlamentares ou “totalitarismo suave” glorifica a *guerra* na *manutenção* do Capital internacional, momento de uma

explícita barbárie ou barbárie aberta, ocultando inalterada as funções econômicas do burguês nesta “segunda natureza”, momento em que o “racionalismo liberal” desemboca no *irracionalismo*. Em nome da “defesa” ou “segurança nacional” instauram a *ditadura*; em nome das tradições cristãs, prendem, sequestram, torturam, estupram e assassinam, criando um clima de ódio e insegurança, pois a qualquer momento as pessoas podem ser presas, algemadas e desaparecer para sempre, como aconteceu com tantos. E para “salvar” o povo do Dragão vermelho, cassam mandatos populares, suspendem direitos políticos, demitem, aposentam e exilam, reprimem e oprimem e, quando os jovens, levados ao desespero, desencadeam a luta armada, os militares não hesitam em recorrer à tortura, o mais hediondo e covarde dos métodos de luta numa caçada política capturando dragões. Tudo em nome dos *representantes* dos interesses do Capital no poder. Neste caldo de *tecnologia-teologia, Capitalismo e Barbárie*⁴⁴ revela empiricamente o quadro negro dos massacres e das *guerras* no século XX (1900-1997). A “nova barbárie”⁴⁵ no combate contra o *mal secularizado* permanece na figura do *inimigo* legitimando a *guerra*. A *construção* da figura do *inimigo* é uma *construção* que legitima todo tipo de Estado de exceção; esta *construção* passa pelo *monolinguismo* enquanto atravessa de parte a parte a política, o *sentido de lugar*, desejos e esperanças das massas revelando a impossibilidade “*mais de uma língua*”⁴⁶ na desconstrução deste *humanismo*. À *emergência das relações técnicas* como o contexto predominantemente no qual vivem os *seres humanos*, em nome da democracia

⁴⁴ PERRAULT, O Livro Negro do Capitalismo, p. 540 – 543.

⁴⁵ BENJAMIN, *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura*, p. 115.

⁴⁶ “Se tivesse de arriscar, Deus me valha, uma única definição da *desconstrução*, breve, elíptica, econômica como uma palavra de ordem, diria sem frase: *mais de uma língua*”. DERRIDA, J. *Mémoires pour Paul de Man*, p. 38.



e da liberdade, de um Reino Cristão (Linguagem), por exemplo, massacraram o Vietnã na guerra mais covarde de que há notícia na história. A maior potência militar e industrial de todos os tempos despejou todo seu *poder de técnica* sobre um pequeno povo de agricultores que se alimentava de arroz. Em três anos de bombardeios (1965 – 1968) os americanos despejaram 500 mil toneladas de bombas no Norte e 200 mil toneladas no Sul. Em nome da *técnica-teológica*, em 1972 terá sido atingido o total impressionante de 400 mil toneladas de bombas lançadas,⁴⁷ momento em que o *complexo industrial militar* ou “segunda natureza em excesso” transforma forças produtivas (econômicas) em forças destrutivas (políticas). Às bombas, ao napalm, ao fósforo, é necessário somar todo o instrumental mortífero das prisões, as torturas e as medidas de coação psicológica. Nguyen Thi Yen foi espancada com um porrete até perder os sentidos. Logo que recuperou a consciência foi obrigada a ficar de pé, nua, em frente a dez torturadores que a estupraram e depois queimaram seus seios com cigarros. A forma inumana como os prisioneiros são tratados, conhecida dos militares, faz lembrar os métodos nazistas, sentidos até hoje, revelando o *Leviatã schmittiano* em toda sua pureza, ambos inseridos numa cultura milenar da *metafísica da escritura fonética* ou *fonetização da escritura – logocentrismo* (Derrida).⁴⁸ O inimigo é reconhecido *pela sua fala*, ou melhor: *não fala*. Os prisioneiros, diferentes na sua *condição inumana*, conhecem a má nutrição, a tortura, degradação física e moral sistemática, frutos da relação entre *linguagem e ser humano*, da prioridade da *linguagem* para o *humanismo*. Nesta história universal – *humanista*, realizada

pelo percurso secular do *espírito*, *Capitalismo e Barbárie*,⁴⁹ nesta totalidade, também revela o quadro negro de grande parte das guerras no século XX, *imagem* do Ocidente *civilizado*, especificamente a guerra americana no Vietnã (1956 – 1975) onde foram mortos 2 milhões de pessoas. Prova empírica que o reconhecimento *do humano* se dá na esfera da “*linguagem*”, da *fala plena*, dimensão da *Voz*, e não da *condição humana*. Por isso, Schmitt afirma que o Leviatã assumiu uma aparência inumana ou subumana, o que levou a uma questão secundária que não precisa de resposta, ou seja, se a condição inumana e subumana observada representava um organismo ou mecanismo, um animal ou um aparato.

É interessante observar, como lembra Chauí,⁵⁰ que os principais assessores e conselheiros desta política de extermínio de G.W. Bush foram “formados por um filósofo político alemão que se exilou nos Estados Unidos. Leo Strauss tinha a seguinte concepção a respeito da *política*: a política é o exercício da violência e da força”. Nessa medida, Strauss considerava que a missão dele era formar os assessores dos governantes. Ele formou nos Estados Unidos uma equipe conselheira de Bush. Essa equipe formada por Strauss é herdeira ainda de outro pensamento: Carl Schmitt. Num eterno retorno *do mesmo*, de uma forma ou de outra a História repetir-se-á, as consequências *destes* genocídios fazem-se sentir até hoje, tal o poder de destruição dessas novas *máquinas* de guerra e estudos estratégicos. A tecnologia das máquinas continua a ser até hoje o resultado mais visível da essência da tecnologia moderna, a qual é *idêntica* à essência da *metafísica da escritura fonética*. Técnicas a serviço *do humanismo*. “Sabe-se bem que a máquina não pensa. Nós é que a fizemos, e ela pensa o que lhe mandamos pensar. Mas se a

⁴⁷ DERIVERY, *Guerra e Repressão: A Hecatombe Vietnamita*, In PERRAULT, G. (Org.). *O Livro Negro do Capitalismo*, p. 143 – 144.

⁴⁸ DERRIDA, *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman & Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 3.

⁴⁹ PERRAULT, *O Livro Negro do Capitalismo*, p. 540 – 543.

⁵⁰ CHAUI, *A Construção do “Oriente” e os Fundamentalismos*, p. 39 – 43.



máquina não pensa, está claro que nós mesmos também não pensamos quando efetuamos uma operação. Seguimos exatamente os mesmos mecanismos que a máquina”.⁵¹

Um *militarismo* como compulsão para o uso generalizado da *violência mítica*, como um meio para os fins do Estado, que usa de certo *óleo* para que o motor não quebre. “Nenhum sistema político pode sobreviver sequer a uma geração com simples técnica e afirmação de poder”.⁵² Este *óleo* é a região obscura da *religião* [ideias religiosas] e é preciso entender o “sentido verdadeiro daquilo que a *cibernética* nos traz e, em particular, a noção de *mensagem*”,⁵³ que para o mais frio dos monstros é uma sequência de sinais orientados para que a máquina vá num certo sentido – *mensagem cibernética* (sinais enviados pela *máquina universal*). Tudo isto pode *circular* das mais diversas formas nesta “máquina universal, mais universal do que tudo o que puderem supor”, “no sentido de reencontrar a verdade”, “questão do *sentido* que vem junto com a *fala*”,⁵⁴ indicando qual seria a missão do sujeito falante – Sagrado Soberano.

Referências

ARTAUD. A. *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BAUDRILLARD. J. *A Ilusão Vital*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 2001.

BENJAMIN, W. *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*. Trad. Willi Bolle. São Paulo: USP, 1986.

_____. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Trad. José Carlos M. Barbosa e Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CAMARGO, Iberê. *A Idiota*. Coleção Maria Coussirat Camargo. Óleo sobre tela, 155 x 200cm. Fundação Iberê Camargo, 1991.

CHAUÍ, M. *A Construção do “Oriente” e os Fundamentalismos*, In *Trabalho Intelectual e Crítica Social*, São Paulo: Casa Amarela, 2005.

CHESTERTON. G.K. *Orthodoxy*. San Francisco: Ignatius Press, 1995.

CORBISIER. R. *Filosofia Política e Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. *Raízes da Violência*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DERRIDA, J. *A Religião*. s/ trad. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman & Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto: Rés, s/d.

_____. *Mémoires pour Paul de Man*. Paris: Galilée, 1988.

⁵¹ LACAN, *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, p. 379.

⁵² SCHMITT, *Catolicismo Romano e Forma Política*, p. 31.

⁵³ LACAN, *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, p. 379.

⁵⁴ Idem, p. 357.



_____. *O Monolinguismo do Outro ou a Prótese de Origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

FREUD, S. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Trad. Jayme Salomão e outros. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII.

FOUCAULT, M. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: JZE, 1997.

GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007.

HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941.

KONDER, L. *Walter Benjamin: o Marxismo da Melancolia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LACAN, J. *Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem* In *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Trad. Marie Christine Lasnik Penot e Antonio Luis Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: JZE, 1985, Livro 2.

MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Guerra, Tecnologia y Fascismo*. s/ trad. Medellín: Universidad de Antioquia, 2001.

PERRAULT, G. *O Livro Negro do Capitalismo*. Trad. Ana Maria Duarte. Rio de Janeiro: Record, 2000.

REICH, W. *Análise do Caráter*. Trad. Ricardo Amaral do Rego. São Paulo:

Martins Fontes.

_____. *O Assassinato de Cristo: A Peste Emocional da Humanidade*. Trad. Carlos Ralph Lemos Viana. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ROUANET, S. P. *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998.

_____. *Crise da Democracia Parlamentar*. Trad. de Inês Lohbauer. São Paulo: Scritta, 1996.

_____. *El Nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005.

_____. *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes - sentido e fracasso de um símbolo político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético (Manifesto II)*. Rio de Janeiro: NPL, 2008.